

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O CENTENÁRIO DE DORIS DAY

6 e 23 de Setembro de 2022

CAPRICE / 1967

UM PERIGO CHAMADO CAPRICHOS

um filme de FRANK TASHLIN

Realização: Frank Tashlin *Argumento:* Jay Jayson, Frank Tashlin, a partir de uma história de Martin Hale e Jay Jayson *Fotografia* (CinemaScope, cor Deluxe): Leon Shamroy *Som:* Hary M. Lindgren, David Dockendorf *Montagem:* Robert Simpson *Direção Artística:* Jack Martin Smith, William Creber *Cenografia:* Walter M. Scott, Jerry Wunderlich *Música:* De Vol *Assistente Canção:* Caprice, Larry Marks *Guarda-roupa:* Ray Aghayan *Assistente de realização:* David Silver *Interpretação:* Doris Day (Patricia Foster; Philippa Fowler), Richard Harris (Christopher White), Ray Walston (Dr. Stuart Clancy), Jack Kruschen (Matthew Cutter), Edward Mulhare (Sir Jason Fox), Lilia Skala (Madame Piasco), Irene Tsu (Su Ling), etc.

Produção: Melcher-Arcola Productions (Estados Unidos, 1967) *Produtores:* Aaron Rosenberg, Martin Melcher *Produtor associado:* Barney Rosenzweig *Cópia:* digital, cor, 98 minutos, legendada eletronicamente em português *Estreia comercial em Portugal:* 29 de Maio de 1967, no cinema Tivoli *Primeira exibição na Cinemateca:* 28 de Junho de 2011 (“Clássicos às Matinés”).

Realizado por Tashlin em finais dos anos 1960, como “veículo” para Doris Day, e um despretenso enredo de acção, aventura e comédia, o género em que Tashlin construiu a sua obra, CAPRICE é um filme que tipifica a produção corrente da “velha Hollywood”. É portanto, pode dizer-se, um “clássico” dessa produção e desse contexto, um filme escorrito que se oferece ao espectador pelo prazer de hora e meia de descontração, garantida pelos ingredientes da trama descabelada e pelo sentido de humor que, aqui e ali, traz apontamentos de sátira aos tempos e modos que corriam na paleta “De luxe” da fotografia que muito faz pela sua colorida graça.

Tashlin, sabe-se, construiu uma obra em Hollywood, como argumentista e realizador de mais de vinte comédias que passaram sobretudo, na altura, justamente, por veículos de grandes estrelas (Bob Hope, Jerry Lewis, e Doris Day para nomear as maiores e mais recorrentes delas). Fê-lo, como Gregory La Cava, na sequência de uma carreira firmada na animação: escreveu e ilustrou cerca de quatro dezenas de desenhos animados, o primeiro deles em 1933; passou ainda à sua supervisão como realizador em 1937 (uma série de LOONEY TUNES); entre 1939 e 1941 trabalhou nos estúdios Walt Disney; entre 1942 e 44 na Warner Bros. Cartoons, embora boa parte desse trabalho de modo não creditado; entre 1944 e 45 na Morey & Sutherland Productions, na série DAFFY DITTIES. A transição para a “live action” deu-se então, a partir de 1945, primeiro apenas como argumentista (em filmes de Arthur Tulbin, George B. Templeton, Norman Z. McLeod, Sylvain Simon, David Miller ou Lloyd Bacon) e numa segunda fase como argumentista e realizador. Assinou a primeira longa-metragem de ficção em 1951 (THE LEMON DROP KID), atravessando essa década com um número assinalável de êxitos, realizados simultaneamente a um trabalho na televisão. Na década de 1960 continuou a filmar regularmente (dez contra catorze longas nos anos 1950, se não falham as contas). Na sua filmografia, concluída em 1968 com THE PRIVATE NAVY OF SGT. O’FARRELL, o filme de um regresso à primeira vedeta que dirigiu, Bob Hope, CAPRICE, é a penúltima entrada, em parilha com o anterior THE GLASS BOTTOM BOAT (1966) pelo protagonismo comum de Doris Day.

Com os filmes “a reboque” dos actores que os celebrizaram, antes de mais junto do público, o nome de Tashlin demorou a ser reconhecido por direito próprio em Hollywood, mas também ele foi de algum modo resgatado na Europa, com a defesa da crítica francesa (e uma recensão de Godard nos *Cahiers du cinéma* em 1957 sobre HOLLYWOOD OR BUST entretanto considerado profético). Num texto publicado numa monografia do British Film Institute dedicada à sua obra, Peter Bogdanovich vem pôr o dedo na ferida argumentando: “Se as comédias de Lubtisch, Hawks, McCarey e Capra são representativas dos anos 1930, e as de Preston Sturges dos anos 40, os anos 50 estão resumidos no trabalho de Tashlin. Não foi uma época bonita, e assim, infelizmente, foram demasiados os críticos que não notaram a sátira frequentemente amarga e devastadora por trás da fachada do riso.” Os exemplos elencados referem filmes mais conseguidos do que CAPRICE, como THE GIRL CAN’T HELP IT (“Olhar grotesco na primeira era do rock’n’roll, com Tom Ewell e Jayne Mansfield, quase trágico na sua propositada fealdade. Tanto mais que Frank admirava a beleza”), WILL SUCESS SPOIL ROCK HUNTER? (“o seu melhor filme”, “o filme definitivo sobre a vulgaridade da Madison Avenue”), HOLLYWOOD OR BUST e ARTIST AND MODELS (“os mais divertidos”).

Mas, enfim, nos anos finais da década de 1960 do declínio da “Velha Hollywood”, CAPRICE não dispensa o divertimento e dá ainda provas do que Jonathan Rosenbaum defende como as marcas distintivas do “Tashlinesque”, a saber, um trabalho sobre a expressão gráfica ao nível das cores, guarda-roupa, cenografia e expressões faciais devedoras do cinema de animação e dos livros de banda desenhada; um sentimento de histeria sexual; de modernismo vulgar; referências cinematográficas; e um elemento de sátira social contemporânea, visível em produtos e tendências. Partindo do simples, efabulado, imprevisível motivo da espionagem da indústria de cosméticos, de que a personagem de Doris Day é uma insigne representante, CAPRICE anda às voltas com todas estas premissas fazendo-o de um modo tão natural quanto desprezioso. E assim se apresenta uma variante bem-humorada à moda dos filmes de Bond, James Bond, colocando-a no palco californiano dos estúdios e cenários de cinema no momento ao serviço da publicidade. E entre sequências de neve – as da Suíça –, CAPRICE é um filme de sol e preocupações cosméticas.

A dimensão satírica não está em primeiro plano, em que pontua o carrossel de aventuras de empresários, cientistas, espões e contra-espões, mas é ela que está, por inteiro, em plano de fundo. Tão certa como no plano “*avant la lettre*” da demonstração de um “antes” e “depois” efeitos de cremes e intervenções estéticas milagrosas na cara de uma mulher. Tão ridiculamente deliciosa como no achado do “segredo” da fórmula de uma laca que deixa o cabelo molhado ter o aspecto de uma cuidada cabeleira seca. Tão auto-consciente como se entrevê na réplica em que os protagonistas falam eles próprios do 007, e nos planos de Doris Day assistindo a um filme protagonizado por si mesma e anunciado à entrada da grande sala de cinema como CAPRICE.

Maria João Madeira